

Freud-*Naturforscher* e a apresentação do poema "A natureza"

Leopoldo Fulgencio Jr.

Este artigo apresenta algumas referências epistemológicas de Freud como *cientista da natureza*, e ressalta a distância entre ele e Goethe: mas "restos" das idéias do poema *Die Natur* se encontram no pensamento psicanalítico.

Em março de 1873, com 17 anos, após considerar a possibilidade de escolher a advocacia como profissão, Freud escreve a seu amigo Emil Fluss dizendo que escolhera outro caminho: "decidi tornar-me um *Naturforscher* (explorador da natureza)... Lançarei os olhos nos arquivos milenares da natureza, serei talvez mesmo testemunha de seus processos eternos, e partilharei minhas aquisições com todos aqueles que querem aprender."¹ Trata-se aqui do jovem Freud, ainda não formado na prática de produção do conhecimento científico, que se entusiasma com o poema *Die Natur* indicando-lhe uma certa direção a tomar no rumo de sua vida: "sei que foi a recitação do belo ensaio de Goethe, *A Natureza*, no curso de uma aula de vulgari-

zação do Prof. Carl Brühl, pouco antes de minha *Matura* (exame do fim dos estudos secundários), que decidi sobre minha inscrição em medicina."² No entanto, é necessário diferenciar entre este jovem Freud, que se sensibiliza com uma produção própria aos *Naturphilosophen* alemães, e um Freud maduro, já educado noutra direção epistemológica, própria às ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), onde essa inspiração inicial sofrerá mudanças radicais.

Freud vai se inserir no campo das ciências da natureza. É certo que ele o fará de forma particular e, ao

Leopoldo Fulgencio Jr. é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

tão de vida ou morte: a tribo de Galaad havia vencido numa guerra a tribo de Efraim, “porém os de Galaad se apoderaram dos vaus do Jordão, por onde os de Efraim haviam de voltar. Quando algum dos fugitivos de Efraim chegava a eles, e dizia: Peço-vos que me deixes passar. Os de Galaad lhe diziam: Acaso és tu Efrateu? E respondendo: Não sou. Eles lhes replicavam: Pois dize: *Shibboleth*. E quando o outro pronunciava *sibboleth*, não podendo enunciar a palavra com a mesma pronúncia, ele era imediatamente preso e o degolavam na mesma margem do Jordão. E assim, naquele tempo foram mortos quarenta e dois mil homens de Efraim.” Freud utiliza o termo em quatro momentos de sua obra, caracterizando quais são os *schibboleth* da psicanálise: em 1914, quando traça a história do movimento psicanalítico refere-se ao sonho como “esse *schibboleth* da psicanálise”¹⁹; numa nota acrescentada aos *Três Ensaio*s em 1920, comentando a importância do Complexo de Édipo: “o reconhecimento de sua existência tornou-se o *schibboleth* que distingue os partidários da psicanálise de seus adversários”²⁰; em 1923 no *O Ego e o Id*, dizendo que “o primeiro *schibboleth* da psicanálise” é “a diferenciação do psiquismo em consciente e inconsciente”²¹; e em 1933, nas *Novas Conferências*, onde ele especifica que a doutrina dos sonhos tem o “papel de um *schibboleth*, cujo emprego decidia quem podia tornar-se adepto da psicanálise.”²²

É importante explicitar aqui a compreensão que Freud tem do *acaso*, como corolário da tese do “determinismo universal”, pois esta revela as características das explicações causais em psicanálise. Em 1926 Freud diz: “Eu tenho dois deuses: *Logos e Ananké*... A inflexível razão, o destino necessário.”²³ Essa concepção deve ser diferenciada no que diz respeito ao campo da realidade exterior e ao campo do mun-

do psíquico interior, visto que não se pode tratá-los da mesma maneira. Diz Freud em 1901 na sua *Psicopatologia da vida cotidiana*: “Eu creio de fato no acaso exterior (real), mas eu não creio no acaso interior (psíquico).”²⁴ Ao acreditar desta forma na série de determinações causais, Freud também reconhecerá que

humano - raramente, talvez jamais, uma destas potências o faz sozinha.”²⁶ No entanto, para Freud, isto não significa, de forma alguma, o abandono da tese determinista, condição das ciências da natureza. Sabemos, pela leitura de Kant, que tanto as questões das forças quanto a da liberdade estão colocadas

Destino e Acaso determinam o destino do ser humano - raramente uma destas potências se faz sozinha. Mas isto não significou, para Freud, o abandono da tese determinista, condição das ciências da natureza.

sua *jovem ciência* não pode prever o futuro mas é capaz de retrair um conjunto de determinações causais a partir de um certo problema reconhecido como pertinente à investigação analítica: dado um sintoma histórico de conversão x ; por exemplo, pode-se recuperar a série de determinações psíquicas que o causou. No texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* de 1920, Freud diz que quando a análise vai dos dados às suas condições, a explicação é confiável, mas se invertemos o sentido, partindo das condições para prever seus efeitos, então a psicanálise mostra-se extremamente imprecisa e pouco confiável.²⁵ Percebemos que Freud é prudente em sua posição, ciente de que a psicanálise não pode aplicar a causalidade no sentido de prever o futuro, este sempre lançado na indeterminação: “Destino e Acaso (Daimwn xai Tuch) determinam o destino do ser

no âmbito da metafísica e não podem ser resolvidas pela experiência sensível, o que nos leva a lembrar a prudência com que Mach, autor a quem Freud deve uma série de contribuições importantes do ponto de vista da epistemologia da psicanálise, enuncia a questão do determinismo e da liberdade (indeterminismo): “É impossível provar a justeza da tese determinista ou indeterminista. Seria necessário que a ciência fosse completada ou impossível para que a questão fosse totalmente resolvida. Mas, enquanto se fazem as pesquisas, todos os cientistas são forçosamente deterministas em teoria.”²⁷

O jovem Freud, ao escolher ingressar na faculdade de medicina de Viena, credita a Goethe o poema *Die Natur* lido pelo zoologista Carl Brühl. No entanto, como já observou Ellenberger em seu *Historia da descoberta do inconsciente*, esse poema é, na verdade, do poeta e

teólogo suíço George Christoph Tobler (1757-1812). Lemos, nas próprias considerações de Goethe, numa carta de 24/maio/1828 a Kanzer v. Müller, que ele não se lembra de ter escrito este poema, mas reconhece no manuscrito a mão que o fez como a de uma pessoa que ele costumava contratar como secretário para seus negócios, por volta dos anos 80: “Embora não possa me recordar que eu mesmo tenha composto estas considerações, estas

Poderíamos colocar Freud no rol dos pensadores atomistas, pois concebe a existência de alguns elementos simples - as forças pulsionais - na origem da constituição psíquica.

concordam inteiramente com as representações que se formaram em meu espírito naquela época.”²⁸

Goethe se coloca como um filósofo da natureza escrevendo diversos textos hoje reunidos nas suas Obras completas sob o título *Naturwissenschaftliche Schriften*. Aí encontramos, além do poema *Die Natur*, ensaios tais como *A metamorfose das plantas* e o *Tratado das cores*, onde Goethe apresenta suas concepções e desenvolve sua pesquisa procurando encontrar, por trás dos fenômenos específicos, os *Urphänomene*, os arquétipos do funcionamento da natureza: “eu sentia a necessidade de estabelecer um tipo que pudesse servir de critério

para todos os mamíferos, segundo o qual eles seriam concordantes ou diferentes; tal como eu havia anteriormente procurado a planta primordial, eu procurava, então, o animal primordial, quer dizer, em fim de contas: o conceito, a idéia de animal.”²⁹ Goethe pertence ao grupo dos *Naturphilosophen* alemães, para ele essas *idéias primordiais* — de planta, animal, como também a de homem — presentes desde a primeira criação da vida, fornecem a direção e o impulso para todo processo evolutivo, sendo que cada novo estágio seria uma realização mais perfeita de um plano inicial representado por essas *idéias*.

Freud não seguirá o mesmo caminho traçado pelos *Naturphilosophen* alemães. No caso, por exemplo, do problema da evolução, Freud se colocará num ponto de vista diferente do de Goethe, associando-se mais bem a Darwin que, no seu *Origem das Espécies*, abole a concepção teleológica sustentando que não há, nem pode haver, nenhum objetivo para a evolução das espécies, seja ele posto por Deus ou mesmo pela própria natureza. Não teremos, portanto, em Freud, a concepção de uma ou mais substâncias que se atualizariam produzindo a grande diversidade dos existentes, mas sim a existência de elementos simples que se comporiam para produzir essa diversidade: “Para nós era o mesmo que para os químicos: as grandes diversidades qualitativas dos produtos remetiam a modificações quantitativas nas relações de combinações dos mesmos elementos.”³⁰

Com o próprio aval de Freud referindo-se a Empédocles de Agrigento em 1937, em seu *Análise terminável e interminável*, podemos colocá-lo no rol dos pensadores atomistas visto que ele concebe a existência de alguns elementos simples, aqueles creditados às forças pulsionais, que estão na origem da constituição de todo tipo de organização psíquica. Por analogia às

pulsões biológicas fundamentais referidas à alimentação e à sexualidade, que em seu antagonismo e combinação conferem à vida e às funções vitais toda a sua diversidade, como também por analogia às forças de atração e repulsão do mundo inorgânico, Freud hipotetiza, para o mundo psíquico, duas pulsões básicas (de vida e de morte) — forças equivalentes em dignidade às físico-químicas — reconhecendo, então, no atomismo uma das referências de seu modo de pensar. Sua hipótese, no entanto, ainda causa polêmica: “O filósofo Empédocles de Agrigento tinha já adotado esta maneira de considerar as forças fundamentais ou pulsões, opinião contra a qual muitos psicanalistas ainda se rebelam.”³¹ Aqui também poderíamos retomar Kant, ainda que já estejamos distantes do pensamento atomista em proveito de um ponto de vista dinâmico: “Efetivamente, indagar as forças primordiais *a priori* quanto à sua possibilidade ultrapassa em geral o horizonte da nossa razão; toda a filosofia da natureza consiste, pelo contrário, na redução das forças dadas, aparentemente diversas, a um número mais pequeno de forças e poderes que, conseguem explicar os efeitos das primeiras; tal redução, porém, chega apenas às forças fundamentais para lá das quais a nossa razão não pode ir.”³²

Neste mesmo sentido, deve-se ainda observar que Freud não é um purista metodológico, visto que além da posição atomista também verificamos que a dinâmica, e a própria teleologia, têm um lugar de destaque na sua psicanálise. Lembremos também que, tal qual ocorre noutras ciências da natureza, é necessário recorrer a certos conceitos fundamentais não muito claros e definidos, as pulsões, que são, para Freud, os motores da existência psíquica do homem. Trata-se de reconhecer a validade heurística destes conceitos, utilizando-se de um pensamento, que é por um lado

fisicalista e por outro teleológico, como um tipo de *mitologia necessária* — como defende Freud afirmando que a “doutrina das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia”³³ — visando a explicação e a resolução dos problemas clínicos que a psicanálise encontra na sua investigação.

Afastadas as questões sobre o problema da *finalidade* e o ponto de vista dinâmico que lhe corresponde³⁴, podemos conceber que a atitude um tanto quanto fantasiosa de Goethe, que encontra nas analogias um de seus meios de pesquisa, talvez possa ser comparada, em termos metodológicos, com certos recursos especulativos que Freud utiliza no desenvolvimento de sua metapsicologia. Ao lermos a obra de Freud encontramos uma grande quantidade de analogias, comparações, convenções, postulados e até mesmo mitos, que configuram modos de realizar, na visão de Freud, uma especulação controlada que se diferencia radicalmente das especulações filosóficas. Trata-se aqui, no entanto, de reconhecer uma certa concepção da natureza que Freud comungará do princípio ao fim de sua empreitada na produção do conhecimento. Esta se associa a um procedimento especulativo que é, do seu ponto de vista, necessário: “Sem especular nem teorizar — por pouco eu teria dito fantasiar — metapsicologicamente, não se avança aqui um passo sequer.”³⁵ Essa concepção de natureza, não é, no entanto, a mesma de Goethe, mas teve nesta última a sua inspiração inicial. Haveria, ainda aqui um trabalho a ser desenvolvido para ressaltar quais restos dessa inspiração inicial teriam permanecido no Freud maduro.

Poderíamos, enfim, dizer que a *natureza* da qual fala o poema manuscrito por Tobler representa tanto para Freud como para Goethe, *Poesia e Verdade (Dichtung und Wahrheit)*³⁶, muito mais do que uma lembrança de infância, ainda que

um e outro tenham concepções incompatíveis sobre o procedimento científico como um todo. Com esses dados podemos, então, reler o poema *Die Natur*, deixando em aberto o caminho para uma análise comparada entre um Freud que se quer pertencente às *Naturwissenschaften* e um Goethe-*Naturphilosophie*.

Freud não é um purista metodológico: além da posição atomista, as posturas dinâmicas e teleológicas têm lugar na psicanálise.

A NATUREZA

Do *Tiefurter Journal* — 1783

Natureza! Nós somos por ela circundados e abraçados - sem possibilidade de escape e, igualmente, sem chance de nela penetrar de maneira mais profunda. Sem sermos solicitados ou previamente advertidos ela nos arrebatou na ciranda de sua dança e nos arrasta até que, esgotados, caímos em seus braços.

Ela cria eternamente novas figuras; o que ali está, nunca foi antes, o que era jamais tornará de novo - tudo é novo e, no entanto, permanece o sempre antigo.

Vivemos dentro dela, mas lhe somos como estranhos. Ela nos fala

sem cessar, mas sem nos confiar seu segredo. Constantemente estamos agindo sobre ela, mas sem ter no que a ela tange qualquer poder.

Aparentemente ela tudo dispôs com vistas à individualidade, mas sem fazer caso a algum dos indivíduos. Está sempre a construir e sempre a destruir, sem que sua oficina nos esteja aberta.

Ela vive em um sem número de filhos; mas a mãe, onde está? - Ela é a única artista: molda dos mais simples materiais os contrastes mais vibrantes: sem sombra de esforço atinge a maior perfeição - logra a mais exata precisão e a recobre com certa maciez. Cada uma de suas obras tem um próprio ser, cada uma de suas manifestações tem um caráter distinto; no entanto, tudo se funde em uma totalidade.

Ela apresenta um espetáculo: se ela o vê, não o sabemos, mas é para nós que ela o apresenta, nós que estamos apenas em um cantinho.

Nela existem um eterno viver, vir-a-ser e mover-se; não obstante, não arranca adiante. Está em perpétua mudança e não existe nela nenhum instante de parálise. Não conhece o que possa ser o permanecer e amaldiçoa a imobilidade. Seu caminhar é comedido, raramente faz exceções, suas leis são imutáveis.

Ela é pensada; está em contínua reflexão. Não, porém, como um ser humano e sim como natureza. Reservou-se um sentido próprio que a tudo abraça e o qual ninguém lhe pode negar.

Todos os seres humanos nela estão e ela está em todos. Com todos brinca um jogo amigável e se alegra. Quanto mais a alguém vence, mais ela se rejubila. Relaciona-se com muitos tão escondidamente, que o jogo chega ao fim sem que eles dissem se apercebiam.

Até o que é totalmente contra a natureza é natureza. Quem não a vê por toda a parte, não a vê bem em lugar a algum.

Ela se ama e se prende a si própria com incontáveis olhos e cora-

ções. Ela se diversifica para se gozar a si própria. Deixa que surjam outros e outros capazes de usufruí-la, entregando-se insaciavelmente.

Ela se alegra com a ilusão. Quem a destrói em si ou em outros, esses são por ela castigados, como o fazem os déspotas. Quem a segue confiantemente é por ela apertado ao coração como se fora uma criança.

São incontáveis os seus filhos. Com nenhum deles é avara, mas tem seus preferidos; com esses é extremamente pródiga e por eles muito se sacrifica. Ela reserva sua proteção melhor ao que é grande.

Do nada ela faz brotar suas criaturas, sem lhes dizer nem de onde procedem nem para onde se encaminham. Elas devem apenas apressar-se; ela conhece o caminho.

Não são muitos seus motivos, mas nunca se esgotam. São eficientes e de múltiplas faces.

O espetáculo que ela oferece é sempre inédito, pois ela está gerando espectadores sempre novos. A vida é sua mais bela criação; a morte é o procedimento de que ela lança mão para gerar mais vida.

Ela preserva no ser humano certa apatia, mas o impele eternamente a buscar a luz. Torna-o dependente da terra, o faz indolente e pesado, mas também o sacode sem parar.

Inspira-lhe necessidades, porque ama o movimento. É um milagre que ela alcance toda essa movimentação com tão pequenos recursos. Cada necessidade é uma obra benfazeja. Encontra rapidamente satisfação e rapidamente cresce de novo. Quando dá uma a mais é para torná-la fonte de prazer. Mas, o equilíbrio se refaz depressa.

A cada momento ela toma distância para uma longa carreira e a cada instante já está junto à meta.

Ela é a própria vaidade, não porém, para nós a quem ela dá a máxima importância.

Ela permite que cada criança a toque e que cada tolo a julgue. Mi-

lhares passam por ela insensíveis e sem nada ver. Ela, no entanto, tem alegria em todos eles e conta com cada um deles.

Nós obedecemos às suas leis, mesmo quando a elas resistimos; colaboramos com ela, até quando contra ela mesma entendemos agir.

De cada um de seus dons ela faz um benefício, tornando-os um bem irrenunciável. Ela tarda, para que a desejemos mais e se apressa para que não fiquemos saturados.

Ela não possui nem língua nem discurso, mas cria línguas e corações através dos quais fala e sente.

Sua coroa é o amor. Só pela via do amor podemos nos aproximar dela. Ela estabelece abismos entre os seres e a todos quer enlaçar. Isola tudo para tudo unificar. Com uns poucos goles do cálice do amor, ela se sustenta incólume por toda uma vida repleta de fadigas.

Ela é tudo. Ela se recompensa a si própria e a si própria pune; sozinha se alegra e se atormenta. É rude e é suave, amável e terrível, impotente e todo-poderosa. Tudo está sempre presente nela. Não conhece passado e futuro. O presente é a sua eternidade. É cheia de bondade. Eu a exalto em todas as suas obras. Ela é sábia e silenciosa. Não se pode dela arrancar explicação alguma ou extorquir qualquer presente que ela não queira livremente doar. Ela é astuciosa, mas sempre para fins positivos e para o melhor, sem que se possa perceber suas manhas.

Ela se acha em tudo, mas sempre incompleta. Assim como ela age, pode agir para sempre.

A cada um ela se revela sob uma forma particular. Esconde-se em mil nomes e termos e permanece sempre a mesma.

É ela que me colocou dentro e será ela que para fora me conduzirá. Nela eu confio. Ela poderia dispor de mim. Ela não odiará sua criatura. Não sou eu que dela falei. Não! O que é verdadeiro ou falso, ela já o disse. Tudo é culpa dela e tudo é seu mérito.³⁷

NOTAS

1. S. Freud, *Letras de juventude*, carta de 01/04/1873, Paris, Gallimart 1990, p. 238.
2. S. Freud 1925d, *Autopresentação*, OCF. P, XVII, p. 56.
3. S. Freud 1923a, <<Psychanalyse>> et <<Théorie de la libido>>, OCF.P, XVI, 1991, p. 183.
4. S. Freud 1940b, "Somme elementary lessons in psycho-analysis", in: *Résultats, idées, problèmes II — 1921-1938* [RIP. II], Paris, PUF, p. 291.
5. S. Freud, op. cit., 1925d p. 57.
6. P.-L. Assoun, *Introduction à l'épistemologie freudienne*, Paris, Payot 1981, p. 75.
7. H. Helmholtz 1989 [1878], "Os fatos na percepção", in: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 2, v. 1, n. 2, julho a dezembro de 1989, p. 270.
8. I. Kant 1783 [PROL], *Prolegômenos a toda a metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*, Lisboa, Edições 70, 1987, p. 67; A, p. 74. *Ibidem*.
9. I. Kant 1786 [PMCN], *Princípios metafísicos da ciência da Natureza*, Textos Filosóficos, Lisboa, edições 70, 1990, p. 45; A, p. 35.
10. I. Kant 1786 [PMCN], op. cit., p. 73; A, p. 84.
11. Cf. cita Assoun 1981, op. cit., p. 47.
12. S. Freud 1915c, *Pulsions et destins de pulsions*, OCF.P, XIII, p. 164.
13. S. Freud 1925d, op. cit., p. 58.
14. I. Kant 1783 [PROL], op. cit., p. 65; A, p. 71.
15. I. Kant 1786 [PMCN], op. cit., p. 48; A, p. 104. *Ibidem*.
16. S. Freud 1923a, op. cit., p. 187.
17. S. Freud 1914d, *Sur l'histoire du mouvement psychanalytique*, Paris, Gallimart, p. 105.
18. S. Freud 1905d, *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Gallimart, p. 169-170, n. 3.
19. S. Freud 1923b, *Le moi et le ça*, OCF.P, XVI, p. 258.
20. S. Freud 1933a, *Nouvelles suites des leçons d'introduction à la psychanalyse*, "XXIX Leçon : Révision de la doctrine du rêve", OCF. P, XIX, p. 87.
21. Entrevista a Charles Baudouin em 20/Outubro/1926, in: Charles Baudouin 1957, *Y-a-t-il une science de l'âme?*, Paris, Ed. Fayard, p. 50.
22. S. Freud 1901b, *La psychopathologie de la vie quotidienne*, Paris, Payot, p. 298.
23. S. Freud 1920a, *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, OCF.P, XV, p. 257-258. Ver também, sobre a noção de causalidade em psicanálise, o comentário de R. Mezan 1998, *Tempo de muda*, São Paulo, Companhia das Letras, p. 338.
24. S. Freud 1912b, *Sur la dynamique du transfert*, OCF. P, XI, p. 107.
25. E. Mach (1905), *La Connaissance et l'Erreur*, Paris, Flammarion 1922, p. 277.
26. Goethe 1960, *Goethes Werke*, Band XIII, *Naturwissenschaftliche Schriften*, "Erläuterung zu dem aphoristischen aufsatz *Die Natur*", Hamburg, Verlag, p. 48.
27. Goethe (1817), *La métamorphose des plantes et autres écrits botaniques*, Paris, Triades 1992, p. 84.
28. S. Freud 1925d, op. cit., p. 277.
29. S. Freud 1940a, *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, p. 8-9.
30. I. Kant 1786 [PMCN], op. cit., p. 84; A, p. 104.
31. S. Freud 1933a, op. cit., p. 178.
32. Cf. M. Porte 1994, *La dynamique qualitative en psychanalyse*, Paris, PUF.
33. S. Freud 1937c, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin", in RIP. II, op. cit., p. 240.
34. Título do primeiro volume da autobiografia de Goethe.
35. Tradução de Edênio Valle, PUC-SP, à partir de *Goethes Werke*, Band XIII, *Naturwissenschaftliche Schriften*, "Die Natur", Hamburg, Verlag, 1960, p. 45-47.